

# REVISTA AZUL



DIRETOR PROPRIETARIO: JULIO PERNETTA—REDACTOR: DARIO VELLOZO

Publica-se duas vezes ao mez. Os originaes remettidos à Redacção não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados. Assignaturas trimestraes: Capital 2\$000; Fora da Capital 3\$000. Pagamento adiantado.

Escritorio e Redacção: Rua Quinze de Novembro N. 17

## SUMARIO

O amor materno . . . . .	Justiniano de Mello
Cantor selvagem . . . . .	Damasceno Vieira
Os peripatheticos . . . . .	D. Marianna Coelho
Ultimo accorde . . . . .	Dario Vellozo
Os morangos . . . . .	Marques Leite
Les cigognes . . . . .	João Itiberê
A viagem . . . . .	Silveira Netto

## REVISTA AZUL

### O amor materno

E

#### A Educação pelos instinctos

POR

JUSTINIANO DE MELLO

II

#### O AMOR MATERNO

Desquejemos, se é possível, a historia do *amor materno*, dessa força que a cultura humana tem desdenhado até hoje para a reforma dos costumes e o melhoramento social. A educação tem sido promovida pela escola, ou, antes, foi substituída pela instrução: dahi a sua influencia meramente externa e apparente, dahi as suas lacunas e vicios lamentaveis. A familia, em vez de ser a cooperadora do mestre, desprovida como a vemos de todo ideal humanitario, de toda cultura scientifica, de toda disciplina e orientação moral, tornou-se em face do Estado, immobilizado pelo respeito a jurisdicção paterna, o phantasma, o ludibrio dos esforços e das lucubrações tendentes ao aperfeiçoamento progressivo da nossa especie. A voz de um Pestalozzi, de um Michelet, de um Spencer, não poudo ainda romper a crosta da indifferença publica, nem vencer a conspiração do silencio que se nota para vergonha nossa em torno da maior necessidade, do mais nobre commitmentto de nossa época.

Não devemos falar da *maternidade*, abstrahindo das condições varias em que ella se manifesta fora da especie humana. Seria desconhecer a unidade da vida, a solidariedade de todos os seres, proclamada por um mesmo instincto, consagrada pelas mesmas dores. Duas leis abraçam um enorme conjunto de factos, observados nos dois reinos da natureza organica. A primeira diz que o amor materno tem a mesma energia, no vegetal como no animal, no homem como no insecto. A segunda afirma que os cuidados da maternidade se prolongam á proporção que os seres se elevam na escala zoologica.

As familias vegetaes morrem para conservar a vida da especie. Algumas plantas, algumas arvores, que vêdes cobertas de flores, são martyres do amor materno: ellas amortallham-se com a tunica do seo curto noivado, e desde que asseguram a existencia da prole, fenecem e morrem. Também os insectos, em grande numero, succumbem depois de haverem engendrado. Esse sacrificio do individuo á especie tem alguma coisa de tocante, alguma coisa de moral e humano. Sob o pó da estrada, entre a reiva mais humilde deslizaem pequenos seres quasi imperceptiveis, hallucinados por esse mesmo sentimento, que julgamos pertencer somente á nossas mães. Que se observe a ternura das abelhas e das formigas na protecção dos seus ovos e das suas larvas. Que diremos das aranhas?

O mundo dos passaros, o Imperio dos seres alados que offerecem tantos traços de semelhança com a mulher, inscreve-se na primeira lauda dessa historia maravilhosa. O infanticidio, que é commun entre os quadrupedes, parece quasi ignorado na familia dos passaros. «Ponde, diz Toussencel (*Le Monde des Oiseaux*), na primeira janel-la que se vos deparar um pobre pequeno pardal, orphão de pa e mãe e desterrado; immediatamente todos os paes e todas as mães dos arredores virão, uns após outros, trazer-lhe o comer. Os pequenitos pardaes, apenas sahidos do ninho, e que não têm ainda familia, aproveitarão o ensejo para ensaiar-se na pratica da maternidade. Nobre e tocante inspiração do sentimento de solidariedade universal que o homem não deixará de explorar com barbaria sem causa.» Dizem que a mulher ama os passaros, porque estes resumem toda a ternura materna, todos os prodigios de que esse admiravel sentimento se exalta.

«A historia dos passaros, acrescenta aquelle escriptor, confirmou para mim uma grande verdade que todos os meninos felizes puderão entrever na sua tenra idade, atravez dos beijos e das adorações de sua mãe, a saber que de todos os amores o mais sublime e o mais ethereo é o amor materno. Ninguém allia com mais firmeza do que a femêa do passaro a sabedoria e o amor. Porque haja promessa de casamento e cohabitação entre o macho e a femêa, não penseis que o amante fique investido de todos os direitos de marido. Não basta ao macho uma palavra no ar ou uma cavatina mais ou menos bem trilhada para que triumphe da resistencia da femêa. Esta não se presta a gracejos sobre a materia, e não cederá ás solicitações amorosas do seo noivo, senão depois de dar as ultimas bicadas ao seo ninho. Como ella sabe que o amor trará a familia, terá a força de senhorear os seus sentidos e de retardar a propria derrota até ao dia em que a posse de um domicilio confortavel a tiver completamente tranquillizado sobre as consequencias da sua fraqueza e sobre o porvir dos seus filhos.»

Notemos rapidamente a educação dada pelos animaes aos seus pequenos. Esta é muito consideravel, embora seja geralmente ignorada. O pinguim leva o filho á ponta do rochedo, e dahi o precipita ao mar. As aguias e os falções ensinam aos filhos todas as variedades do vôo; —depois os industriam na tactica de surprender a presa, e para isto voam acima delles, deixando esbir pequenos animaes, a principio mortos, mais tarde vivos, até que o discipulo se torne mestre na cynetica do ar. A gata acaricia, lambe, castiga e recompensa a prole inquieta, semelhante á rude camponeza que no seo amor inconsciente dá beijos e palmadas, passando rapidamente da indulgencia á crueldade, da alegria ao mau humor. A joven macaca não é menos digna de figurar entre certas mães e professoras da época: ellas brincam com os filhos, quando estão alegres; mas os batem quando lhes passa pelo espirito alguma nuvem de mau agouro.

O amor materno é incontestavel nos quadrupedes. A corsa timida aggride furiosamente o inimigo que se aproxima dos filhos. O leão pode requear attonito em circumstancias identicas; mas a leoa espera a pé firme, e combate valentemente pela prole. Os tres seguintes factos são referidos por Zaborowski e Fouillée: Um caçador euporeo, perseguindo a uma femêa de chimpanzé e chegando a matar-lhe o filho, impressionou-se por tal forma com a natureza dos gemidos, dos gritos e da physionomia della depois do golpe, que segundo a expressão do mesmo individuo, pareceu-lhe haver commettido um homicidio. A proposito de um cercopitheco muito affeição-do a um pequeno macaco que elle adoptara e que vinha de morrer: «Sem cessar, diz Brehm, sem cessar elle se esforçava para reanimar o ser que acabava de perder, mas em

vão, e começava as suas queixas e os seus gemidos. A dor o havia enobrecido e elle nos tinha profundamente commovido a todos. O terceiro facto é mais significativo. A voz queixosa de um jovem macaco abandonado pela mãe na fuga desordenada, fez-se ouvir acima de minha cabeça. Um dos meus indios, conta Brehm, subiu á arvore. Desde que o macaco viu essa figura que lhe era estranha, soltou novo grito de accento particular, que achou novo eco no sentimento materno. Um tiro feriu á pobre mãe, que entrou a fugir, mas os gritos do filho fizeram-na voltar. Um segundo tiro sobre ella, que a não attingiu, não a impediu de saltar com difficuldade para o ramo em que se achava o pequeno macaco e de tomal-o rapidamente nas costas. Ella ia salvar-se, quando um terceiro tiro dado apezar de minha ordem, attingiu-a mortalmente. A infeliz apertou ainda o filho nos braços durante as convulsões da agonia, e cahiu da arvore tentando salvar-se.»

Vejam o reverso da medalha. Abel Hovelacque (*Les Debuts de l'Humanité*) considera o infanticídio como um phenomeno muito generalizado entre as raças selvagens. Na Polynésia, afirma elle, o infanticídio foi geral, e em Tahiti recebeu a consagração religiosa. A confraria dos Areois contava-o entre os deveres mais sagrados. O neophito Areoi tomava por juramento o compromisso de fazer morrer os filhos. Notae que o Areoi não passava no meio da civilização em que vivia, como um sectario ou um furioso; mas que elle ao contrario, pertencia a camada dirigente da população, a tal ponto que o roubo e a pilhagem não lhes eram interdictos. Essa asserção do anthropologo francez presta, entretanto, maior alcance ao facto contado por Dumont d'Urville:

« Os missionarios procuravam chamar os Areois a uma fé melhor. O seo primeiro cuidado foi para impedir aos Areois de matarem os filhos como o faziam para não se deixarem desapparecer por elles. A mulher do Areoi Ontai, cedendo á persuasão, concedera o que lhe pediam, consentindo em confiar os filhos aos Europeos para creal-os. Nota-se no desgraçado costume dessa seita o influxo das ideias politicas e religiosas, capazes de outras aberrações tão deploráveis; mas, em taes circumstancias, o coração materno não deixava de reagir em prol da conservação da prole condemnada.

Malthus, no seo celebre *Ensaio sobre o principio de população*, observa que semelhante instituição, tão fatal ás crianças, não existe entre as classes inferiores, entre o povo de Otahiti; e Hume (*Essais*), acrescenta que em geral a permissão do infanticídio contribue para augmentar a população; pois, afastando o receio de ver multiplicar-se a familia, ella anima o casamento, deixando que o impedimento da ternura materna só recorra a esse triste remedio na ultima extremidade.

Hovelacque estriba-se na seguinte narrativa de Orbigny para concluir pelo habito das mulheres americanas em destruir a propria prole: «As mulheres vão dar á luz no meio dos bosques, á margem de um regato, no qual se banham immediatamente; mas muitas vezes ellas matam de seguida o filho, seja porque os tenham bastantes, seja porque os primeiros não puderam viver.»

Ainda aqui o costume é o corollario das condições sociaes em que vivia a mulher selvagem. Leiamos Robertson (*History of America*): «Ha districtos na America onde a dominação dos maridos é tão cruel e tão dolorosamente accentuada (*this dominion is so grievous, and so sensibly felt*), que algumas mulheres, numa emoção selvagem de ternura maternal, matam as filhas ainda na infancia, de modo a livra-las daquella intoleravel escravidão a que serão condemnadas.»

Veremos adiante que os aborígenes americanos, e principalmente os brasileiros, destacam-se entre muitas raças selvagens, pelo amor inequivoco que consagram ás crianças. Visitemos agora a terra africana, cujas raças são, na expressão de Gustavo d'Eichthal, *raças mulheres*. Entre os Boschimans, diz Alphonso Bertillon (*Les races sauvages*), provavelmente a mais antiga raça da Africa austral, a mulher representa o papel de escrava e de besta de carga. Ella corre todo o dia com o filho á garupa, em procura de raizes selvagens, enquanto que o homem caça ou dorme. O amor materno é muito desenvolvido entre estas desgraçadas, ainda que a maternidade seja para ellas um acrescimo de pena. Os caçadores de escravos souberam tirar partido desse sentimento. Não podendo apanhar a mulher, porque ella foge com a ligeireza de um cavallo no terreno pedregoso do deserto, procuram assenhorar-se dos filhos, convictos de que as pobres mães virão ajuntar-se-lhes para velarem por elles. O pae tem uma fraca

parte nessa dedicação: viu-se alguns que entregavam os filhos aos leões para sacia-los quando estes rodavam perto da cabana. Se a mãe morre durante o aleitamento, o filho é enterrado com ella. «Que faria este menino na terra sem sua mãe?»—dizia um Boschiman.

As mulheres Hotentotes não se descuidam dos filhos. Conta Girard de Rialle, que o menino ao nascer, é banhado em urina de vacca, depois esfregado com cêbo e seiva de figueira, salpicado de um pó odorifero, depois ligado por atilhos de couro ao cangote de sua mãe que elle não deixa mais. Os trabalhos da maternidade levam as mulheres a fumar em demasia, e para que os filhos se divirtam, ellas lhes dão a saborear as delicias de um bom cachimbo!

Observam-se entre os Cafres as provas da mais exquisita delicadeza no amor materno. Entretanto, a tarefa assignada á mulher entre raças tão grossieras, é extraordinariamente penosa. Raparigas gordas e alegres, quando solteiras, tornam-se emaciadas e horribes logo após o casamento. Conta um viajante que, chegado uma tarde a certa aldeia e deitado bem perto de uma cabana para ouvir o que ali se passava, foi despertado ás duas horas da manhã por um ruido de grão que se estava a moer: «Mã, diz uma voz infantil, por que moer quando está tão escuro ainda?» A mamã embolou a pequena, para que dormisse, e deu-lhe materia para um bello sonho, dizendo: «*Extração de farinha para comprar fazenda ao estrangeiro para que minha galantinha pareça uma princeza!*»

Maudière assevera que o sentimento materno é muito vivo entre as Negras. Dizer, acrescenta elle, os cuidados, os affagos, as puerilidades em contraste com a figura e os gestos dessas mães, seria difficil. E esse amor não se enfraquece com a idade: eu vi velhas de cabelos brancos que não o cediam em nada á bondade e aos carinhos das nossas boas vovós. Uma cousa entretanto lhes falta em nosso ponto de vista: é o beijo tal qual nós o comprehendemos e o damos, e que me parece peculiar á raça branca. A chineza e a anamita furejam os filhos, a negra parece lambê-los, mas não os abraça...

Em Maluco (Asia), diz Gabriel Ribeiro (*Noticias Ultramarinas*), as mulheres criam aos filhos em nascendo com os untar e esfregar com raladura de côco, e os botam de costas sobre as pernas e lhes tiram pelas orelhas para que chorem, e chorando engulam figos verdes assados de mistura com arroz cozido. E logo começam a beber u *tuaqua*, que não que alimpa, engorda e refresca. Entremos na America, e ali acharemos inumeros documentos para comprovar a ternura incomparavel das mães.

O guerreiro norte-americano, diz Quackembos (*Historia de los Estados Unidos*), podia soffrir as suas proprias penas sem queixar-se; porem quando a desgraça tocava aos filhos, entregava-se ao mais violento pesar. Considerava como a maior calamidade, que lhe podia acontecer, a morte de um filho que dava boas esperanças, e para resgata-lo do poder dos inimigos, entregava-se a miude o pae para ser queimado em logar do menino... Mas algumas Pelles-Vermelhas enterravam o recém-nascido vivo com o cadaver da mãe que o amamentava para que elle não morresse de fome, segundo diziam. Aqui apparece a figura lacrymosa das mães, como um protesto do instincto irreflectido contra a barbaria raciocinadora dos paes.—*Se ha visto á una joven madre suspender el cuerpo de su desunio niño en unas ramas colgantes de un florido arce, y cantar un lamento al objeto de su amor, al mismo tiempo que la brisa lo mecía* (Quackembos).

Gonsalves Dias, no seo precioso livro sobre o *Brasil e a Oceania*, entretém-se com essa bella historia da maternidade a que Lubbock não consagrou nenhuma das paginas das suas duas grandes obras sobre o homem primitivo. E' verdade que o ethnologo inglez nos seus estudos sobre o periodo prehistorico (*Prehistoric Times*), depois de notar o desprezo, a deshonestidade com que é tratada a mulher selvagem, tida como ente inferior, destinada a ser mera escrava domestica, mal compensada em sua affeição pelos maridos, assevera que os paes entre as tribus brasileiras não têm nenhum amor aos filhos, e estes merecem apenas uma *affeição instinctiva* das mães. Este conceito extractado das viagens de Spix e Martius (*Reise*) carece de exactidão. Não sabemos que significação liga á sua expressão—*affeição instinctiva*—o famoso presidente do Instituto Anthropologico de Londres. Do caracter espontaneo, instinctivo e mesmo physico, que porventura apresente, não se deve concluir a fugacidade e pouca profundidade do amor materno. O contrario é que rigorosamente seria o verdadeiro.

E' a Gonsalves Dias que devemos essa excellente collectanea de noticias sisudas sobre os costumes domesti-



cos de nossas populações selvagens, da qual destacamos as seguintes informações de boa origem.

As mulheres entre os Botocudos obedecem servilmente aos maridos. Cobertas de numerosas cicatrizes, indicio de quanto têm a temer de uma cólera que facilmente se inflama; o maior peso da vida carrega sobre ellas; tudo quanto não diz respeito à guerra ou à caça é da sua competência: constroem cabanas, procuram fructos para seu sustento, vão buscar agua e lenha, preparam a caça, fazem linha de pescar, tecem cordas. Nas marchas, caminham carregadas com o seu trem domestico, e com os filhos pequenos, enquanto o marido vac orgulhosamente na frente só com o arco e frechas na mão. Em algumas tribus, porém, não são comparativamente tão infelizes.

Entre os Guaycurús, o marido amaternamente a mulher: é verdade que bem pago fica, por que ella tem um desvelo excessivo em o agradar, ao qual quasi adoram. Amam os filhos.

Emquanto no ventre materno, as mães americanas não comprimem os filhos, como desgraçadamente em muitas partes usam as mulheres para occultar ou disfarçar a gravidez: os trabalhos e occupaões diarias a que se davam, não obstante o seu estado, nem só lhes facilitava os partos como era também motivo para que os filhos não sabssem alijados ou defeituosos; nem com esses vícios de organização, que nas cidades populosas tornam a infancia doentia e miseravel.

O Tupy amava os filhos, dava-lhes toda a liberdade, não os castigava, não os ameaçava nem intimidava: pelo contrario, os planos mais bem combinados eram pospostos, as mais commodas habitações abandonadas pelos caprichos de um menino. As mães amavam extremosamente os filhos, ainda que se não excedessem em demonstrações de ternura: criavam-nos com a mais desvelada solicitude, e amamentavam-nos por longo periodo (tres e quatro annos, dizem alguns). Não os assassinaram nunca por defeito fisico, ainda que fossem extremamente raros os defeituosos entre elles, facto que Robertson e outros, sem fundamento, explicam com o infanticidio. A causa disso seria outra, seria a actividade e exercicio da mulher durante a gestação, a liberdade physica em que viviam, não usando atilhos que pudessem embaraçar o perfeito desenvolvimento do feto, nem torturando e contrafazendo a criança com fuchas e cintas.

Poderíamos additar a esses testemunhos, prestados por numerosos viajantes, o de Gabriel Soares, o estimado autor da *Noticia do Brazil*. Basta concluir esta curta exposição com o nosso grande poeta e ethnologo, Gonsalves Dias: «A mãe é sempre mãe em todos os tempos e lugares: a natureza as aconselha divinamente e nellas desperta a indole caravel que, nem a maldade dos tempos em que vivem, nem a educação que receberam pôde perverter completamente.»

Sobre a Oceania, diz Hovelacque, notoriamente insuspeito: «A familia, tal qual a comprehendemos, não existe na Australia. Ella é toda natureza, e o pae não é considerado como parente dos filhos. Nessa nação, que não tem ainda nem escravos nem bestas de carga, é a mulher que exerce estes officios. E' no meio dos maiores trabalhos e tormentos, procurando ella mesma obter a sua ração de alimento, que a desgraçada mãe deve amamentar o filho, até que estanke a origem mesma do leite, muitas vezes até quatro ou cinco annos. E' muito certo que sem essa alimentação prolongada, incapazes de acharem elles mesmos a sua nutrição, os pobres pequenos morreriam litteralmente á fome.»

Sigamos agora, em nossa perigrinação, a estrada do Oriente, e cheguemos á India, o mundo das sorpresas na religião, do grandioso na arte, do estupendo na politica, do mysterioso na historia, do incomprehensivel na vida e na actividade social. Dirão que inventamos, se invocarmos um dos versos do *Rig-Veda*, para demonstrar que a India, em tempos immensamente remotos, conheceu o culto da maternidade: «Aditi, a mãe universal, é o céu; Aditi é a atmosphera; Aditi é a mãe, o pae, o filho; Aditi é tudo o que nasceu, e tudo o que nascerá ainda; Aditi é tudo o que existe, e tudo o que ha de existir; Aditi é a criação, Aditi é a vida». O altar era no cimo da montanha sagrada, sob o docel do firmamento; o sacerdote era o chefe de familia, tendo ao lado a mulher carregada de rosas para enfeitar o santuario.

Isto, porém, não durou sempre. Uma revolução, cujas causas ainda são desconhecidas abalou e destruiu o templo erigido pela fé dos homens ao divino principio que inspirava aos poetas canticos repassados de mel e de per-

fumes. A mulher, a que era permitido o ensino do dogma, que travava do alaude para cantar nas festas religiosas, cercada de crianças coroadas de boninas, foi condemnada bem cedo a mais atroz e hedionda escravidão. Apparece então o *brahmane*, isto é, o padre carrancudo, que lançou a mulher para o meio dos *sudras*, isto é, da classe abjecta, que não tinha direitos, nem na terra, nem no céu.

Um passo largo, e abordaremos o rio *Amarello*, no coração da China. Se ella não tem aristocracia militar nem sacerdotes, possui a corporação lettrada que presta exames de moral theorica para occupar e monopolisar os cargos publicos, e ama a polygamia. Para o chinês, o dia do nascimento de uma filha, é o mais desgraçado da vida. Ahi se reproduzem as scenas de degradação e ignominia da mulher que observamos entre os povos selvagens. Encontram-na os viajantes a cultivar os campos, como fazem nossas polacas, com os filhos ás costas, ao passo que os maridos ressonam embriagados pelo opio. O pae vende a filha, e o casamento apresenta o caracter funebre dos enterros. Na China, como nos paizes mais civilizados, a lei protege a força contra a fraqueza. Convém observar que nos paizes em que reina a polygamia, as mulheres amam extremosamente os filhos.

Parece que podemos caracterisar com um só traço a physionomia moral da China. No inferno do meio, o instincto foi suffocado pela abstracção; o raciocinio desethronou para sempre o sentimento. A' semelhança daquelle personagem de Shakespeare, que ameaçado de naufragio, desejava uma morte secca: os Chinezes escaparam aos desastres e esborçamentos das paixões, que são o sal da terra, refugiando-se na sáfara de uma dialectica esteril, ou de um bacharelismo pedante.

Precisamos ir á Judéa, onde a maternidade era um triumpho, a maior victoria da mulher, condemnada a escravidão. Quantas pobres esposas deixavam-se desapaosar do leito conjugal, para que os maridos pudessem fundar a sua ambicionada descendencia! Entre os Judeus havia uma maternidade ficticia, consentida e mesmo procurada pela legitima esposa. A esterilidade era ali uma maldição, uma infamia. Ao sentir no seio os primeiros espasmos do embrião, a pobre Judia exclamava num arroubo indefinivel: «Tirou Deus o meu opprobrio!»

No Egypto o principio feminino apparece através dos symbolos que ornão os monumentos. Se a propriedade da terra era reservada aos reis e aos padres, ninguém sabe contudo se a mulher constituia, como entre nós, propriedade do marido. Certos rituaes apresentam-nos egypcios a jurarem obediencia ás suas esposas, nessa terra que Michelet chamou o maior monumento de morte sobre o globo!

Os Persas tiuham um singular costume: antes da idade de cinco annos, um menino não se apresentava diante de seu pae, mas ficava entre as mãos de sua mãe. Isto se observa, diz Herodoto, porque se'a criança morrer nessa primeira idade, esta perda não cause nenhuma angustia ao progenitor. Temos, nós, por suspeita essa piedade prefacial dos paes: cremos antes que o bom senso dos Persas legalisou a posse dos filhos pelas mães nesse primeiro periodo da vida, em que a educação deve ser como um desdobramento da maternidade.

Não falámos do parentesco pela linha feminina, geral entre as raças selvagens: ella indica a tomada de posse do direito sobre os filhos, que a violencia masculina disputara e finalmente reconhecera nas mães. A explicação offerecida pelo geral dos ethnologos sobre o assumpto não nos parece correcta. A ignorancia da paternidade nessa phase supposta de *helatrismo* selvagem, não podia desarmar as pretensões dos machos sobre os productos das fêmeas. E' desconher que o homem é um animal pretencioso e que o ciúme é um sentimento reflectido e quasi moderno. O pae disputou mais tarde e obteve a tutela dos filhos; mas estes que a principio foram lançados para fora da tribu, — costume que o *ver sacrum* reproduz em Roma sob a forma religiosa, — porquanto eram considerados como extranhos e representavam a descendencia e a familia da mulher, deviam em tempos ulteriores seros companheiros e auxiliares dos paes nos labores do campo ou nas lides da guerra. D'ahi a *expropriação materna*, se assim podemos dizer, que deu á paternidade, — a principio pelo uso do nome do filho, em algumas tribus, e pelas cerimoniaes, da *couvade*, em outras, a jurisdicção disputada entre os esposos e constata da finalmente entre os povos barbaros e civilizados. Se quizermos descobrir o primeiro vestigio da transacção, isto é, da abdicção da força, entre as nações primitivas, seria de mister pedir á maternidade essa notavel revela-

ção. Assim o direito que para muitos não é senão a *evolução da força*, ou a transformação successiva da violência, parece antes uma resultante da transacção realizada no seio da família e consagrada finalmente pela tribu. Foi a fraqueza, e não o valor; foi a mulher, e não o homem, que obteve esse primeiro triumpho, que se pode chamar o primeiro florão do direito.

Vemos mais tarde no Mexico, no Perú, em Roma, a paternidade tornada o centro, a base da família. Laterrière (*Histoire du droit*) reconheceu esse facto, mostrando que o casamento não é no direito das XII taboas o fundamento da família, mas sim o *direito paterno*. A facilidade de repudiar a mulher, de reconhecer ou de repellar os filhos, que as leis gregas suppunham nos paes, é uma relembrança do passado, dessa phase da vida selvagem em que o homem se investira de toda a autoridade na família, e que a religião transmittiu como um dos appendices do culto doméstico. A mulher foi então igualada ao filho: já é um progresso para ella, que deixava de ser uma extranha ou mesmo uma inimiga vencida. As mães já finalmente se deparou o premio da sua constancia na dedicação e na ternura!

Uma palavra sobre o direito moderno, q' é uma fusca reverberação do direito romano. Aqui nem o direito paterno absoluto, nem o direito materno. O *poder parental*, como o suppõe o *Código Prussiano*, tem por fundamento: 1.º serem os filhos partes do corpo do paé; 2.º o nascerem no seio de uma família, em que o paé é o superior; 3.º a necessidade que tem o filho de ser alimentado e educado, a qual o paé deve dar satisfação, o que não pode fazer, sem que tenha este poder quanto aos filhos. Que dizer a isto, senão que no reino allemão se entendia que os filhos eram como um braço ou como um outro qualquer organ phísico dos paes, e que pode haver sujeição sem consentimento? Não será um effeito, antes que uma causa, incidir o filho sob o dominio do paé? Como illagir deste facto um direito que lhe seja preexistente? Mais sabios nos parecem os barbaros Wisigodos, imaginando um *meio termo* juridico, em que o paé e a mãe exerciam ou deviam exercer um igual poder sobre a família. Dessa attenuação na concepção do direito classico, deriva a situação juridica e transitoria da família moderna, tal como a estabelece o *Código civil francez*. Entretanto, Demolombe, um dos maiores juristas modernos, sustenta a these de que no estado actual da legislação da França, a mãe tem acção contra o chefe da família para obrigá-lo a dar instrução aos seus filhos menores.

Aqui cabe uma observação que não vimos produzida por ninguém. No estudo da historia é preciso considerar, não só a parte dos *instinctos* como a da *reflexão*. Os primeiros não evoluem, antes perdem de intensidade e de força a proporção que os organismos se tornam mais complexos, e os individuos atingem os estadios mais elevados do mundo animal. A *reflexão*, porem, é a historia toda no ponto de vista da *evolução*. E força confessar que parece extranha a pertinacia de alguns sabios, os quaes, á semelhança de Darwin e Spencer, procuram afanosamente comprovar o processo evolutivo dos *instinctos*. O nosso conceito, a ser rigorosamente exacto, como pensamos, daria uma nova direcção ás pesquisas dos philosophos, que partindo da theoria de Lamarck, tentam a construção dessa sciencia geral, em que, na phrase de I. Geoffroy Saint-Hilaire, *se vêm tocar por seus cimos e se unirem os ramos particulares dos nossos conhecimentos sobre os corpos organisados*.

O dominio da sciencia está na *reflexão*; o das *religiões*, da *litteratura* e das *artes* reside principalmente nos *instinctos*, onde se encontra a inspiração. A sciencia tira o geral do particular, o *immanente do accidental*: tal é a marcha do methodo inductivo. Marcha opposta seguem as outras creações do espirito humano, que temos nomeado: ellas buscam o particular no immanente, o phenomeno numa lei superior, que é o ideal para o artista, a verdade para os crentes.

No ponto de vista scientifico, os instinctos offerecem o aspecto de uma planície desolada: elles são monotonos porque são iguaes, invariaveis e constantes. Para o poeta, para o pensador, que sentem a vertigem do desconhecido, o instincto é a *barca phaeaca* em que vogam a salvo por todos os mares, os olhos fixos na estrella polar. Assim, é a poesia que vamos pedir a ultima pagina, e a mais bella, a mais eloquente, da historia do *amor materno*. Os poetas de todos os tempos o viram e amaram: as lyras soluçaram sob os dedos dos vates, e a maternidade contemplou-se, viu-se reflectida nos filhos das Musas.

Queim não conhece a *evocação* do XI canto da *Odysséa*?

A sombra de Anticlea, mãe do Ulysses, retrata neste discurso a alma de Homero: «Não foi Diana, de setas ligeiras, que deu-me a morte; não foi a doença que consumiu-me tristemente e arrebatou-me para o reino das sombras: foi o pesar de não ver-te, a inquietação por teu destino, illustre Ulysses, foi a lembrança da tua ternura para comigo, que cortou-me a doce existencia».

As *Eumenides*, de Eschylles, assignalam o primeiro periodo de uma grande época litteraria: mas representam tambem, não as creanças ingenuas, ainda inconsistentes e fluctuantes, da imaginação popular: mas sim o dogmatismo inflexivel que gela o silencio nas almas e confrange o coração. E' por isto que do theatro do maior poeta tragico da Grecia se colhe o maravilhoso, mas animado de um sopro ardente de intolerancia. Ah! se vê defendida, e proclamada a these de que o *paé é o unico autor do nascimento*!

Davam a Euripedes, o lyrico da scena, a alcunha caracteristica de *mysogino*, isto é, de inimigo das mulheres. Mas esse grego, teve palavras, scenas inteiras, de uma felicidade inaudita, para pintar as mais sorprendentes paesagens do coração feminino. Começemos por uma das mais bellas tragedias do poeta, *Medéa*. A famosa princeza prepara-se para trucidar os filhos no delirio do ciúme. Ella os eucara ainda uma vez: «Dae-me, meus filhos, dae-me vossa mão: quero beijá-la. O' caras mãos, labios queridos, rostos amáveis, feições nobres dos meus filhos! Sabi, salti depressa, que eu não posso resistir á vossa vista: vacillo, caio sob o peso incrível dos meus males. Isto que eu vou fazer, é horrivel, mas a paixão que arrasta o homem aos maiores crimes é mais forte, chocra e despedaça os conselhos de minha razão.»

Essa mãe, que para punir a infidelidade do esposo, para atormenta-lo e vendê-lo pela dor, assassina os filhos tenros, innocentes, despertou na consciencia grega, não um forte movimento de repulsa, mas esse pavor, mesclado de extase, que diversos monumentos, na tela e no marmore, tentaram perpetuar. Os modernos não comprehendem essa admiração; e vemos Schlegel acotimar de inverosimil o motivo que levou a Medéa ao homicidio dos filhos. Mas podemos dizer com um critico do nosso tempo: «Ha sobretudo nessa mulher, que abraçando os filhos, cobro-os de beijos e de lagrimas, eu não sei que delirio, que volúpia materna, incomparavel a todo mais.»

Na *Medéa* de Glover, e na de Nicolini, ha remodelamentos que alteram a lenda, mas tornam menos horrivel a physiognomia dessa heroína do ciúme. A *Medéa*, italiana, tem na voz como um paroxismo do coração materno, quando os filhos, torturados pela fome, estendem-lhe as mãos supplices, e ella quer nutril-os com o proprio sangue:

«Non poter vuolar mi vene

«Fino all'estrema goccia e dir prendete

«Nutritevi, bevete il sangue mio.»

Que belleza não têm estes versos da Medéa, de Legouvé:

«Ah! chers consolateurs!

«Ils comprennent qu'un dieu créa dans nos miseres

«Les baisers des enfants pour les larmes des meres!

«La fleur se tourne vers le jour!

«L'enfant vers le bonheur!

Na *Andromaca*, de Euripedes, a mãe oppõe estas palavras, mas que palavras! — ao assassino de sua filha:

«Que! vós arrancareis esta tenra fomba de debaixo da aza de sua mãe?»

Nas *Supplices*, do mesmo poeta, lemos este poema de uma phrase:

«As mulheres receberam para chorar seus filhos não sei que poder de dor!

A litteratura antiga do amor materno encerra-se nesses bellos trêchos, alguns dos quaes são contemporaneos, mas inspirados pela musa da antiguidade classica.

No terceiro seculo, segundo tradições que resistiram a mais severa critica dos incredulos, existiu na Caladonia um bardo admiravel, que cantando as proezas guerreiras dos seus compatriotas, teve versos de infinita tristeza para traduzir as angustias da maternidade infeliz. *Gaul*, é o horreo de um dos poetas do bardo; joven guerreiro, elle vae ao longe tentar uma perigosa expedição, mas é assassinado. *Evirchoma*, a esposa do guerreiro infeliz, arrastada por um terrivel presentimento, segue sobre fragil barca ao encontro do seu bem-amado. Mas ella tem um filho em tenra idade:

«O esquife de Evirchoma entra á noite na bahia de Ifrona, aonde as vagas solitarias rolam na obscuridade troncos de arvores que a sombream. A luz desliza atravez das nuvens: ella se eleva entre os bosques sobre o cume da collina. De tempos em tempos as estrellas se mostram envoltas em frustos de nevoas, e de novo se occultam sob o veu de vapores.



A' esta claridade languida, Evirehoma contempla a belleza de seu filho: «Tu és amavel, lhe diz ella, nos sonhos que amaisam teu somno.» E vê-se que a mãe se inclina sobre elle, soltando suspiros: «Dorme em paz, meu filho: eu vou procurar teu pae ao longo desta praia.» Tres vezes ella o deixa, e tres vezes ella volta. Qual rola que poiseu a prole na fenda da rocha de Ulla, e que vai pela planicie alóra, em busca do alimento, ella vê pendentes da arvore fructos roxos; mas a ideia do falcão vem agitar sua alma, e por isto volta muitas vezes a contemplar sua familia antes de gosar. Scinde-se a alma de Evirehoma, do mesmo modo que uma vaga á portia disputada pelo vento e pela escurpa.

A' pobre mãe deparou-se, enfim, o cadaver do marido. Ei-la succumbido á fadiga e á dor, a pallida Evirehoma. «Seu filho sorri docemente nos braços della e entra a brincar com a ponta da lança. As palavras que ella me dirige, conta o poeta, foram poucas, e proferidas com voz fraca. Eu lhe estendi a mão: ella pô-la sobre a cabeça de Ogal, enquanto suspirava, trespassando-me a alma com o seu tocante olhar. Evirehoma não se erguerá mais. Doce criança orphã, não te inclines mais sobre o seio de tua mãe!»

Em *Cathula*, outropoema de Ossian, uma tempestade desaba sobre o mar, e a barca onde dois esposos se abrigam, é despedaçada pelas vagas. Mas ali tambem ha uma mãe e um filho. Refugiados todos sobre um rochedo, batido pelas ondas implacaveis, o chefe dessa familia de naufragos, busca, na escuridão da noite, descobrir um meio de salvação para ella, galgando os escolhos em demanda da praia. A infeliz mãe fica ao desabrigo, abraçada com seu filho:

«Que será dessa esposa desgraçada? O seu olhar prolonga-se para a praia obscura, mas o marido (*Cathula*), não pode vir... As vagas crescem sobre o rochedo. Já molham os pés de *Rosgala*, mas ellas não te attingem, ó criança, tu estas nos braços de tua mãe!» Nas ancias da duvida edo desespero ella pergunta a si mesma:

«Despertar-te-hei, meu filho? Não. Teus gritos rasgariam meu coração. Ah! possas ser levado são o salvo para a praia.» Quando falava, uma lamina do mar envolve a estreita morada, e arrebatava a *Rosgala*:

«Adeus! meu caro filho!» A luz do envolta com as trevas brilha sobre as colinas de Sora. O pae, que volta precipite, não vê mais o escolho que ha pouco dominava as ondas. «A voz de sua dor enche a noite de sons plangentes. O marujo, que passa, ouve-o e volta o rosto para ver se é um canto do espirito do mar.» Mas, uma nota menos triste no meio de tanta dor: — a criança salva-se sobre o escudo em que a puzera sua mãe!

No ponto de vista litterario, a idade-media assemelha-se aos parques mexicanos plantados de flores artificiaes. Os *Eddas*, porem, reivindicam os direitos da natureza, e no episodio de *Grôa*, respiram as ternuras de um amor calmo e puerilissimo. *Grôa* fallecera; ella deixou um filho, que perseguido pelo temor do futuro, vem á noite ao tumulto de sua mãe pedir-lhe conselhos:

## O FILHO

Desperta, ó *Grôa*, desperta, terna mãe, é teu filho que te clama ás portas do sepulchro: ensina-lhe o caminho da vida.

## A MÃE

Que queres de mim, meu unico filho? Que dor te acbrunha para que me invoques assim do seio desta poeira em que eu durmo esquecida?

Quem não se lembra, diz Eichoff, lendo estes versos, da admiravel scena de Achilles e de Thetis, ou a de Cyrene e de Aristéa, ou, antes, quem não acharia no fundo d'alma esse tão puro e tão verdadeiro sentimento de que a honção de uma boa mãe é o mais seguro penhor da felicidade?

Nenhum dos grandes poetas do nosso seculo esqueceu o amor materno. Gœthe e Byron, Schiller e Hugo, Heine e Lamartine. Tambem a pleiade dos epigonos da poesia não ficou silenciosa; e se os vates brasileiros não souberam ainda elevar-se á *impessoalidade*, na sincera apologia desse incomparavel sentimento, a elle devem comtudo algumas das mais bellas estrophes da sua lyrica. Ouçamos, porem, a voz de Victor Hugo (*Les Rayons et les Ombres*):

«Folle! morte! Pourquoi? Mon Dieu? pour peu de chose!  
«Pour un fragile enfant dont la paupière est close...  
«Une femme du peuple, un jour que dans la rue  
«Se pressait sur ses pas une foule accourue,  
«Rien qu'à la voir souffrir devina son malheur.

«L'œil fixe, elle voyait toujours devant ses pas  
«L'ouvrir les bras charmants de l'enfant qui l'appelle;  
«C'est ainsi qu'elle est morte, en deux mois, sans efforts;  
«Car rien n'est plus puissant que ces petits bras morts

«Pour tirer promptement les mères dans la tombe  
«Où l'enfant est tombé, bientôt la femme tombe.  
«Qu'est-ce qu'une maison dont le seuil est désert,  
«Qu'un lit sans un berceau? Dieu clement! à qui sert  
«Le regard maternel sans l'enfant qui repose?  
«A quoi bon ce sein blanc sans cette bouche rose?

Uma estrophe apenas de Luiz Ratisbonne, mas que é um quadro completo:

«Ils avaient perdu leur enfant,  
«Je fus les voir: du pauvre père  
«Je serrai la main en pleurant,  
«Sans oser regarder la mère.»

Nos *Poemas dos bellos dias*, de Joseph Autran, uma quadra merece ser lida, e é a seguinte:

«...je te chanterai d'une voix libre et fière,  
«Toi, pauvre nouveau-né, toi fils du paysan!  
«Et l'héritier sans nom d'une obscure chaumière  
«M'aura pour son poète et pour son courtisan.»

E' esta, não ha duvidar, a litteratura do futuro: a que tende as suas raizes nos sentimentos mais intimos, mais profundos, tende a elevar-nos acima das condições moraes em que vivemos, e a regenerar pela poesia e pela educação essa humilde porção de humanidade, que jaz no captivo d'alma e do corpo, despresada ou maldita.

Ninguém achará, á primeira vista, as relações que se travam entre o *patriotismo* e o *amor materno*. E' deste sentimento, entretanto, que um poeta contemporaneo, Déroulède, espera o rellorimento das glorias de sua patria. Lêde nos *Novos cantos do soldado*:

«Mère, si ton enfant grandit sans être un homme,  
«S'il marche efféminé vers son devoir viril;  
«Si d'un instinct pratique et d'un sang économe,  
«La chair épouvantée à l'horreur du peril;  
«Si quand viendra le jour que notre honneur réclame  
«Il n'est pas là soldat, marchant sans maigréer,  
«O' mère, ta tendresse a mal formé cette âme,  
«S'il ne sait pas mourir, tu n'as pas su créer l'

Um dos mais aproveitados discipulos da escola chamada *satanica*, foi sem duvida Espronceda. O poeta hespanhol teve algumas notas vibrantes para sublevar as paixões patrióticas de uma nação que viu murchar-se toda a flora opulenta dos seus grandes dias. Mas eram momentos de lucidez, que lembram as ultimas inspirações do autor do *Childe-Harold*. O poema que elle deixou inacabado, *El Diablo Mundo*, é quasi um arranco dessa insana esquipa, tica, bebida por alguns versificadores brasileiros na prosa não na poesia, de Alvares de Azevedo. Chama-se *Adão* o heros do romance poetico caldeado pela imaginação fogosa do Byron hespanhol. Aquelle personagem, quasi comico, alistára-se numa quadrilha de saltadores. Emquanto os seus companheiros pillavam a camara habitada por uma grande dama, joven e formosa, elle mirava-se ao espelho, ou contemplava as *formas luxuriantes da belleza adormecida*. Attacado pela ronda nocturna, e fugindo, foi achar-se á porta de certa casa em que uma velha mulher velava inconsolavel á cabeceira de uma filha ha pouco finada. Aqui apparece o *satanismo* do poeta. A casa era tambem um lupanar: homens e mulheres bebião e dançavam, entoavam canções bacchicas, rompiam o freio á lascivia e a extravagancia, num alvoroço infernal. *Adão* notou o facto á pobre velha, que gemia a um canto:

Ay! respondió la vieja desolada,  
Vivo de eso, señor; no tienen nada  
Que hacer esos señores  
Conmigo y mis dolores.  
Vivan ellos allá con sus placeres  
Y mientras besan el ardiente seno  
De esas locas mujeres  
Yo con el corazón de angustias lleno  
Beso aquí solitaria en mi agenia  
La boca di mi hija muda y fria

Dijo, y rompió con tan amargo llanto  
Que la voz le robó su sentimiento,  
Y en su mortal quebranto,  
Convertido en solloso su lamento,  
El llanto que hilo a hilo le caía  
Por sus mejillas pálidas curria.

Espronceda resgata todas as culpas do seu estro, enfileira-se entre os poetas da reacção moral de nossa epoca, pelas estrophes admiraveis que vão ser lidas. *Adão* pergunta com profunda fé á mãe desgraçada:

Donde, decidme, encontraré yo fuego  
Que haja a esos ojos recohrar su ardor,  
Donde las aguas cujo fertil riego  
Levante fresca la marchita flor?

E ella diz :

Pobre mozo, delira !  
Si comprar esta vida si pudiera,  
Esta vieja infeliz que yerta miras,  
Por una hora siquiera,  
Por um solo momento  
De ver abrir los ojos celestiales,  
Y otra vez escuchar el dulce acento  
De la hija querida de su alma,  
Que puedes figurarte que no haria ?  
Que crimen, que castigo  
Por recorbrarla yo nos arrostraria,  
Y otra vez verla palpar conmigo ?  
Sabes tú que una hija es un pedazo  
De las entranas mismas de su madre ?  
Por un beso no mas, por un abrazo,  
Y morirme despues, el mundo entero  
Pidiendo una limosna correria,  
Y con los piés desnudos y mi llanto,  
Piedras entorneciera en mi quebranto  
Y al mundo mi dolor lastimaria.

O leitor nos perdoe ainda estes dous versos, porque são de uma mulher intelligente. Na sua *Festa da aldeia*, a illustre escriptora, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, suspirou estas duas notas de sua alma :

«A mãe que nos deu leite dos seus peitos  
«Por muito má que seja é sempre boa.»

## Cantor Selvagem

A Valentim Magalhães

Sob as nuvens douradas do occidente  
—Cortinas de um palacio incendiado  
O sol se abysma vaguerosamente  
Como um guerreiro que voltou cansado  
Da lucta triumphante.

E quando morre o dia  
Surgem, d'entre a caligem do levante,  
Como um contraste á funebre agonia,  
—Alva como a Francesca, a infausta amante—  
A lua cheia, e, pallida, hesitante,  
Vai reflectir a luz desfallecida  
Sobre as paredes da modesta ermida  
Do elevado alcantil Monte Serrate.

Entregue sempre ao intermimo combate,  
Arfa o mar, estendendo sobre a areia  
As phantasticas rendas espumantes,  
Que faz, desfaz, ruidosas, incessantes,  
Qual infante que em brincos se recreia.

Com soberba grandeza  
—As largas velas pandas, enfundadas—  
Demanda o porto uma galéra ingleza,  
Que deixa sobre as ondas subjugadas  
Larga esteira de espumas scintillantes.

De um sino ao longe as vozes supplicantes  
Fazem appello aos corações descrentes.  
Após a forte lucta pela vida,  
Parece adormecida  
Em sonhos refulgentes  
A cidade que o nome tem dos entes  
Que a Igreja canoniza.

Em meio do formoso panorama,  
Que o perfume das mattas embalsama  
E o bello plenilunio romantiza,  
Ouço cantar na fronde da palmeira  
Um sabiã mavioso.

Minh'alma toda inteira  
Concentra-se no canto harmonioso,  
Que começa por tímida surdina  
E pouco a pouco sóbe, n'um crescendo,  
N'uma escala argentina  
De gorgeios, de trillos, qual mais vario,  
Como imitando o canto de um canario.  
Depois, amortecendo,  
A voz esvae-se a segredar baixinho  
Como uma recatada confidencia  
De maternal carinho.

De novo sóa o canto—aérea flauta—  
E, sob aquella magica influencia,  
Meu coração saudoso,  
Como é saudoso o nauta  
A vagar sobre o pégo procelloso,  
Bem distante da plaga natalicia,  
Parece contemplar—santa delicia !—  
O sólo rio-grandense, as varzeas longas  
Batidas do pampeiro, os rios extensos,  
Verdejantes cochilhas, bosques densos  
Em que resôa o martellado grito  
Das brancas arapongas...  
Parece contemplar o lar bemdito,  
Frontes meigas que osculo sorridente  
E, circumdado de um clarão divino,  
Um vulto a que ajoelho humilde e crente.

Como um compasso á grata melodia,  
O mar, tambem saudoso, além batia...  
Exclamo, ouvindo o poema peregrino,  
A diva orchestra do cantor selvagem :  
«Tivesse eu azas como tú, ó ave,  
E atravessando o ar soffregamente  
Levaria ao Rio Grande uma homenagem !»

E o musico suave,  
Calando a symphonia commovente  
Como se acaso ouvisse o meu desejo,  
Desprende-se da fronde, e em forte adejo  
Engolfa-se no azul  
E n'amplidão desfero o vôo ardente  
Em direcção do Sul.

Percorre, ó ave, a terra hospitaleira  
Que deu á historia mil varões prestantes  
—Bento Gonçalves, Canabarro e Netto...  
E, como prova de sublime affecto,  
Entrega a meus irmãos belligerantes  
Um ramo de oliveira !

DAMASCENO VIEIRA.

## Os peripatheticos

(J. MÉRÝ)

Houve na antiguidade uma seita encantadora denominada a seita dos peripatheticos, verdadeiros philosophos que dormiam de dia e velavam de noite : tinham a respeito do sol uma idea fixa ; consideravam-n'o como um astro enfadonho, egoista e espião, um astro que se entrometia nos negocios de toda a gente, que introduzia os seus raios por toda a parte, tornava as cidades ruidosas, os campos inhabitaveis, os passeios desertos, e obrigava os homens a occuparem-se constantemente d'elle. Além de tudo isto, accusavam o sol de ser a origem de todas as doenças, de todos os flagellos, de todas as loucuras humanas ; os seus pretendidos beneficios não eram senão ciladas. Aquelles que confiavam n'elle e aspiravam o seo calor, ganhavam uma pleurisia, cahiam sob a apoplexia fulminante ou perdiam a razão.

Os peripatheticos malquistaram-se com o sol, e exilaram-n'o á perpetuidade do seo horizonte grego. Só saham de casa ao despontar das primeiras estrellas, para se reunirem nos rochedos dos promontorios, nos molhes dos seus portos e na areia prateada das praias, — aonde falavam da natureza das cousas, das funcções da alma, do destino dos homens, dos mysterios da criação. Enquanto os rhetoricos e os sabios disputavam calorosamente no Portico, no Lyceo ou á sombra dos platanos do Academus, os peripatheticos saboreavam o philtro subtil das dormideiras do Morphee, em alcovas ténebras como as grutas cimmericas onde se esconde o palacio do Somno. Só ás estrellas confiavam os segredos da sua philosophia e as mysteriosas confidencias das suas conversações.

Esta nobre seita desapareceu; apenas se poderiam ainda achar alguns restos nos parques e ruas de Londres, nas noites quentes do estio.

Graças á tolerancia da policia ingleza, sombras peripatheticas erram ainda sob as arvores de Saint-James, nas lages exteriores da abbadia visinha, em volta da estatua equestre de Leicester e ao longo dos *trottoirs* das pontes. O gaz, as estrellas e a liberdade protegem estes passeantes nocturnos e aconselham conversas silenciosas que não podem acordar em sobresalto os cidadãos amigos do somno.

Entre nós, em Pariz, os regulamentos da policia oppoem-se a toda a manifestação peripathetica. Os parisienses são obrigados por lei a preferir o sol ás estrellas, ao dia á noite. Só M. Arago tem o privilegio de passar a noite no alto do Observatorio e de passear á claridade da *grande Ursa* e de Orion. Meia noite dada, o prefeito condemna-nos todos ao somno e á reclusão domestica: é prohibido aos cidadãos estudar astronomia e philosophia chaldaea na linha dos boulevards. Condemnam-se a uma enorme multa theatros e cafés que não fechem as suas portas á duodecima badalada da noite. E'o *couvre-feu* da cidade media, retardado tres horas depois de 89, mas é ainda o *couvre feu*.

Em vez de castigar ou de conduzir ao corpo de guarda visinho aquelles que preferem as estrellas ao sol, um policia bem avisado deveria ao contrario dar aos cidadãos noctambulos, aos philosophos phalenos, aos peripatheticos da republica franceza, um bom premio de coragem. Estes amigos da noite vigiariam a segurança das ruas, a livre circulação dos burguezes retardados, os assaltos aos balcões, as primeiras faiscas de incendio, enfim todos os accidentes imprevisitos que as trevas, a solidão e a ausencia dos guardas podem fazer nascer n'esta capital, onde a parcimonia da municipalidade se obstina a não crear *policemen* nocturnos, a exemplo dos inglezes.

Todavia, alguns traços da seita peripathetica se acham ainda nos terraços das nossas residencias de verão; apezar d'isso, porem, nós permaneceremos eternamente, a este respeito, na retaguarda dos nossos visinhos. Sob o bello ceo da Italia e das Hespanhas, as nobres tradições da antiguidade teem sido fielmente conservadas até aos nossos dias.

O castello do conde de Saverny, tão graciosamente construido nas eminencias que coroam

Granada e a cercam como uma *corbeille* de verdura, reúne todos os annos, na bella estação calmosa, alguns ardentes partidarios das estrellas e da frescura. Concordou-se alli que o dia começaria ás nove horas da noite para terminar ao romper da manhã. E' uma importação italiana, de que a Hespanha é devedora aos artistas ultramontanos que propagaram a moda da sesta, e fizeram della uma instituição nacional. Cantam com os grillos, para se calarem com a calhandra. A sociedade de Saverny passou, homens e mulheres, ao estado peripathetico. Ella acha que um sol só, é insufficiente para recrear a vista, e quente de mais para a refrescar: prefere contar aos milhões os soes tranquillos da noite, e as estrellas duplas que Humboldt descobrio e que não são outra cousa mais que dois soes gemeos pregados lado a lado na mesma face do ceo.

A' hora da reunião, um orvalho luminoso irrompe do firmamento, e dá á immensa paisagem das collinas de Granada uma tinta que jamais pincel algum reproduzio, porque jamais paleta alguma inventará as côres e nuances da noite. E' apenas o clarão burguez do dia que se deixa surprehender pelo primeiro moedor de vermelho e de verde.

Só Deos pode juntar ao seo immenso e eterno museo este divino quadro, cujo ceo é um tecto de estrellas, cujo solo é uma massa confusa de florestas sombrias, de bosques odoríferos, de plainos infinitos, de collinas suaves, de elevados cumes de arvores, de herdades formosas, de lagoas coroadas de alamos e teixos de folhagem negra.

MARIANNA COELHO.

## Ultimo accorde

Esse amor que sonhei, que sonhaste,—querida,  
E cantou-nos no seio apaixonadamente;  
Amor breve e fatal, cuja mão suicida  
Lançou-nos dentro da alma o philtro da serpente;

Esse amor tão subtil, tão risonho e tão bello,  
Que dizia ao luar os rimances de Ophelia  
E tinha a candidez de formosa camelia  
E a esculptura pagã de soberbo castello;

Esse amor, que era o mar dos anhelos de Haydée,  
E, ora altivo, ora manso, era a nossa alegria;  
E levava ao luar dulçurosa harmonia,  
Repetindo, ao luar, uma antiga epopea:

—Esse amor peregrino, impiedoso e forte,  
Lançou-nos o sarcasmo aggravante e maldicto  
Que arroja o coração aos términos da morte  
E a illusão amortalha em negro sambenito.

E a nossa alma, a chorar, desvalida e tristonha,  
Não mais goza o prazer dos amores felizes...  
Já não pensa e não sente e não scisma e não sonha,  
Cadaver,—sobre o peito enormes cicatrizes.

Alma,—filha da dôr, filha do pranto amargo  
Dos olhos de Eloah, dos olhos de Caím,  
Pobre archanjo, a morrer, em pélagos mais largo  
Que os limites do ceo—sem principio e sem fim;

Alma,—filha da dôr, que o silencio te envolva  
E o sepulchro te abrigue, apiedado e nobre;  
E que a tua tristeza as culpas te absolva,  
Alma outr'ora tão rica, alma agora tão pobre!



Esse amor que sonhei, que sonhaste,—querida,  
E cantou-nos no seio apaixonadamente,  
Foi o germen cruel do pezar suicida  
Que nos invade o corpo e nos desvaira a mente.

Não o maldigo, porem, formosa Eleonora;  
Que esse amor tão subtil, tão risonho e tão bello,  
Ensinou-me o paiz da illusão sonhadora  
E dos gozos do amor o soberbo castello.

Não o maldigo, porem, pois que foi elle o mestre  
Que ensinou-me a beijar-te a pequenina bocca,  
E, na estreita prisão do degado terrestre,  
Deo-me a taça do amor e da volepia louca...

Hoje, ha entre nós dous todo um longo passado...  
Separam-nos agora eternos impossiveis...  
—Mas, não posso olvidar o teu rosto adorado,  
Rasguem-me embora o peito abutres invisiveis !...

DARIO VELLOZO.

## Os Morangos

Noite serena de verão.

A sala de jantar do velho Mendes estava illuminada e o ambiente saturado pelo perfume das jardineiras e pelas risadas sans e crystalinas.

Havia alegria em toda a casa. *Nêú*, completava as suas dezeseite primaveras e, toda arteira e nervosa, mostrava as suas curiosas amigas, a variada e artistica colleccão de mimos que recebera.

O velho pae, satisfeitiissimo, elevava as virtudes e talentos da filha, n'um recanto da sala, em palestra com os companheiros de escriptorio.

Derrepente, entrou um criado trazendo uma fruteira de porcellana, barrada de flores chinezas e coberta por finissima toalha rendada.

N'um cartão assetinado, em letra breve e firme, lia-se o offerecimento:

—E' de primo *Janjão*, exclamou ella contente.  
—Vamos vêr o que é, disseram todos, avidos de curiosidade.

—Morangos: fructas de minha predileccão, respondeu *Nêú*, apressando se a experimental-os.

Uma longa e gostosa gargalhada estalou.

*Nêú*, com o rosto afogueado, com os labios muito vermelhos, entre-abertos, deixando ver o moranguinho entre os dentes alvos, tentava quebral-o debalde.

Os morangos eram de vidro e admiravelmente imitados.

MARQUES LEITE.

## Les Cigognes

A Mr. Emile Sigogne

Avez-vous vu passer les cigognes pensives  
Comme une blanche ligne à travers l'air brumeux  
Et prendre leur haut vol vers les lointaines rives  
Des lacs d'azur que dore un soleil fabuleux ?

Avez-vous contemplé dans leur tranquille essor  
Ces pâles voyageuses  
Dont les ailes neigeuses

Palpitaient dans l'éther, lourd d'un peu d'ombre encor ?

Ne vous sembla-t-il pas voir, comme une lueur,  
S'envoler l'essaim de vos rêves infidèles ?  
Oh ! que ne suis-je donc ces cigognes, mon cœur,  
Pour m'enfuir avec eux d'un palpitement d'ailes !

JOÃO ITIBERÉ.

## A Viagem

(Continuação)

IX

PALMYRA

No dia 25 chegámos ao Rio dos Patos, assim denominado pelo rio que ahi faz barra no Iguaçu, á direita.

A *lanchinha* parou no porto.

Desembarcámos, subimos uma pequena ladeira e logo deparou-se-nos a vista alegre da colonia. E' uma cidade em miniatura.

Ruas direitas e preparadas a capricho, revelando o gosto de quem as fez.

Ao lado da primeira, que começa na margem do rio, eleva-se a igreja tosca, mas elegante: logo apoz, fazendo frente para outra rua, acha-se o escriptorio da commissão.

Estes edificios e o viaducto « Dr. Carvalho, » que se encontra mais adiante, na segunda rua, foram photographados pelo Philinto, instantaneamente.

Paramos no escriptorio, de onde tendo bebido um profundo copo... de cerveja, dirigimo-nos á casa do Sr. Licinio, bem montado estabelecimento commercial; ahi jantámos e á tarde fizemos um passeio, conhecendo diversos pontos do logar cuja primeira denominação foi de Rio dos Patos, sendo mais tarde dado á colonia o nome de Palmyra, em homenagem ao Dr. Villeroy, então delegado de Terras.

Os trabalhos de medição foram começados em 1889.

Nesse tempo havia ahi uma taverna pauperri-ma, cuja casa ainda ve-se agora, como admirando o poder do trabalho que transformou aquelle sitio habitado por alguns caboclos que d'elle extrahiam herva matte, em uma paragem bonita e cheia de vida e que possui um magnifico porto de onde exportaram, em 1891, cento e vinte mil arrobas de matte.

A colonia tem mais, alem da preparada igreja e do escriptorio, seis casas commerciaes montadas com esmero, que compram e exportam herva matte; um bom padeiro, um cemiterio conservado, uma escola e mais meia duzia de casas particulares.

Junto á povoação está a colonia que tem 16 lotes ruraes, povoados por nacionaes e estrangeiros polacos que se dedicam á lavcra e á extracção do matte.

Tem havido plantações de centeio, milho, feijão e hortaliças.

Em fim, o esforço humano já patenteia n'esse apreciavel lugarejo os resultados do seu poder fecundo, derribando as mattas e abrindo novas veredas por onde se estendam as arterias do progresso.

(Nos artigos sobre as colonias, prestam-me grande auxilio as informações do distincto e illustrado cavalheiro o Sr. engenheiro S. E. vos Saporski.)

(Continúa)

SILVEIRA NETTO